



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

ALINE BARBOSA DA SILVA

**AS RELAÇÕES DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

GUARABIRA

2022

ALINE BARBOSA DA SILVA

**AS RELAÇÕES DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Afro-Brasileira; Literatura e Interculturalidade.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

GUARABIRA

2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Aline Barbosa da.
As relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo [manuscrito] / Aline Barbosa da Silva. - 2022.
35 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Literatura Afro-Brasileira. 2. Identidade. 3. Racismo. 4. Ponciá Vicêncio. I. Título

21. ed. CDD 804

ALINE BARBOSA DA SILVA

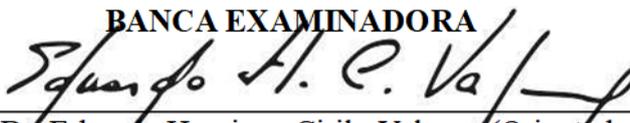
AS RELAÇÕES DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE DE *PONCLÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento de Letras
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Letras, com
habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Afro-
Brasileira; Literatura e
Interculturalidade.

Aprovado em: 01 / 04 / 2022

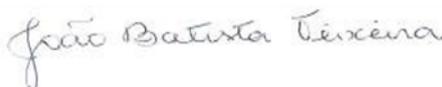
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Dra. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB



Profº Dr. João Batista Teixeira
Faculdade do Maciço de Baturité - FMB

Agradeço aos meus pais pelo apoio integral em todos os momentos de diversidade da minha jornada acadêmica. O presente trabalho é dedicado a eles

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido o dom da vida e ter permitido a minha formação como professora. Aos meus pais, Ivanildo Francisco da Silva e Laudjane Barbosa da Silva, e meus avós *In Memoriam* por todo amor e apoio dedicado a mim em todos esses anos de estudo.

Aos mestres, doutores e funcionários da UEPB que me ensinaram tudo o que sei hoje, e me deram forças para continuar a minha caminhada, juntamente como as minhas esperanças de contribuir para a educação do meu país. O conhecimento transmitido por todos vocês, em especial a Professora Rosilda *In Memoriam*, que me apresentou a Literatura Afro-Brasileira, será perpetuado por toda a vida, pois, foi através da apresentação dos escritores negros/as que eu pude reafirmar minha identidade enquanto pessoa negra.

Aos queridos Rosângela Neres, Iara Ferreira de Melo, Antônio Flávio, Paulo Vinícius, Edilma de Lucena, Paulo Aldemir, e João Paulo agradeço-lhes por cada palavra ofertada, cada uma delas seguirá comigo, com o exemplo de docência que vocês representam para mim.

Ao querido primo Claudio, obrigada pela contribuição nas xerox dos textos, por sempre se fazer presente em minha vida, me dando forças nos momentos mais difíceis, por me fazer sorrir mesmo quando a vontade era de desistir e chorar em meio a tantas lutas enfrentadas no decorrer do curso.

Externo meus agradecimentos ao meu amado esposo Fabiano por compreender todo o meu empenho como estudante e por sempre estar ao meu lado, sendo minha fortaleza, contribuindo com palavras de ânimo, acreditando que eu seria capaz de vencer na vida por meio dos estudos, da dedicação e da força de vontade que, segundo você, eu sempre demonstrei ter. Amo-te por tudo o que és e pelo que representa em minha vida.

Agradeço a amiga Patrícia, que sempre me conforta em momentos difíceis e torna-os mais tranquilos com sua amizade, por meio de nossas conversas agradáveis, peço a Deus que a nossa amizade se perpetue, para que essas conversas sejam apreciadas por muitos anos.

Nessa etapa final de conclusão de curso, eu não poderia deixar de agradecer a professora Maria Neni de Freitas (Magistra és bona), pela oportunidade que eu tive de ter sido monitora no Componente Curricular Língua Latina, o qual despertou em mim o amor pela docência, bem como na importância em agir com humanidade em sala de aula. Serás lembrada com muito carinho em minhas memórias.

Agradeço a minha turma 2017.1 por contribuir de maneira positiva e significativa para a construção do conhecimento, nossas tardes foram especiais e prazerosas. Em especial menciono o nome de Marina, minha amiga e companheira de todas as horas, a qual foi minha dupla nas atividades, nas apresentações de trabalhos e no compartilhamento de momentos alegres, nas dificuldades e aprendizados, juntas construímos uma linda amizade que será para além da Universidade.

Não poderia jamais esquecer da colega de turma mais dedicada e aplicada que atende pelo nome de Clarice Dantas, pessoa a qual tem todo o meu respeito, carinho e admiração, quero que saibas que és um exemplo de força, uma fonte de inspiração como ser humano, como discente, como mãe e agora como professora, admiro-te. Esses agradecimentos também se destinam a Luciene por ser um exemplo de determinação, força e superação.

Agradeço a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) por ter me acolhido com carinho, por abrir portas para que a educação seja valorizada em nosso país, por estar engajada nos Programas Sociais, a exemplo de vários auxílios que favorecem e contribuem para o aprendizado do estudante de forma positiva e significativa, fazendo-lhe com que este aluno dê continuidade aos estudos.

Por fim, agradeço ao meu orientador Eduardo Henrique Cirilo Valones por ter sido minha âncora, por suas palavras de conforto e de carinho em momentos tão difíceis pelos quais

eu passei. Gratidão por acreditar no meu trabalho, por acreditar na minha capacidade e por ser sempre solícito em todos os momentos que eu precisei, por ser compreensível, acolhedor e, sobretudo, por ser um ser humano incrível e fazer transparecer isso. Quem lhe conhece sabe o quão grande é o teu coração e a sua vontade de ajudar o próximo.

Minha gratidão também é voltada para a banca examinadora: Prof. Dr. João Batista e pela Prof^a. Dr^a Maria Suely da Costa, pela leitura minuciosa do meu trabalho. Por ambos trazerem comentários relevantes para que minha pesquisa seja melhorada. Pelo incentivo em dar continuidade aos estudos e, principalmente pelas palavras de afeto e admiração pela escrita do meu trabalho.

Além do que foi dito até aqui, minha gratidão também se externa para a escritora Conceição Evaristo, por trazer em sua escrita a construção da identidade do ser negro de forma positivada, para que a população afrodescendente se veja representado nas narrativas através de um discurso negro e para o negro.

Finalizo esse ciclo com o coração grato, mas também com os olhos repletos de lágrimas. Lágrimas de felicidade por ter chegado até a aqui e não ter desisto de um sonho mesmo em meio aos percalços enfrentados no decorrer do curso.

Dito isto, mais uma vez reafirmo a minha gratidão ao Altíssimo por ter realizado meu sonho de criança que aos seis anos brincava de ser professora e que com muito esforço, dedicação, força de vontade, fé e abdicção conseguiu transformar esse sonho em realidade.

Sendo assim, espero poder plantar uma sementinha do bem em cada um dos meus futuros alunos e dizer o quanto a literatura transforma vidas, humaniza as pessoas e fazem delas seres melhores.

Além disso, carrego comigo as boas e mais lindas recordações que vivi enquanto discente do curso de Letras, bem como, o de explanar e confirmar que Letras é o meu lugar e a Literatura é a minha missão de vida. Assim se faz a educação, com pesquisa, com lutas, mas, sobretudo com afetuosidade, acreditando que por meio dela vidas são transformadas.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias pra ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos.”

(Conceição Evaristo.)

AS RELAÇÕES DE RAÇA, CLASSE E GÊNERO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DA CONCEIÇÃO EVARISTO

RACE, CLASS AND GENDER RELATIONS IN THE CONSTRUCTION OF THE IDENTITY OF *PONCIÁ VICÊNCIO*, OF CONCEIÇÃO EVARISTO

Aline Barbosa da Silva¹

RESUMO

Este estudo faz uma análise da Obra Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, abordando de forma específica as relações de raça, classe e gênero na construção da identidade da referida obra. Esta obra faz parte do acervo magnífico de obras da Literatura afro-brasileira, que possui como finalidade trazer uma reflexão e ampliar a diversidade da cultura negra. Foram propostos alguns objetivos, sendo divididos em geral e específicos. O geral buscava refletir sobre as relações de raça, classe e gênero no que tange o romance *Ponciá Vicêncio*. Já os específicos foram: a) analisar o romance visando a importância de lutar contra o racismo, o preconceito e a discriminação; b) discutir sobre os aspectos sociais que envolvem a exclusão e marginalização das pessoas afrodescendentes; c) compreender a literatura como uma arte que está ligada a questões políticas, históricas e sociais da sociedade. Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, por meio de revisão de literatura. Nossa pesquisa está ancorada nos pressupostos teóricos, a exemplo de Cuti (2010), Duarte (2008), Fonseca (2014), Freire (2021), entre outros estudiosos da área. Com o estudo concluiu-se que a Literatura Afro-Brasileira tem caráter fundamental na cultura do País, pois transmite em sua escrita aspectos do cotidiano que se misturam com a realidade.

Palavras-chave: Literatura Afro-Brasileira. Identidade. Racismo. Ponciá Vicêncio.

ABSTRACT

This study analyzes the work Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo, specifically addressing the relationships of race, class and gender in the construction of the identity of that work. This work is part of the magnificent collection of works of Afro-Brazilian Literature, which aims to bring reflection and expand the diversity of black culture. Some objectives were proposed, being divided into general and specific. The general sought to reflect on the relationships of race, class and gender in the novel Ponciá Vicêncio. The specifics were: a) analyzing the novel aiming at the importance of fighting racism and prejudice and discrimination; b) discuss the social aspects that involve the exclusion and marginalization of people of African descent; c) understand literature as an art that is linked to political, historical and social issues of society. To achieve the proposed objectives, a literature review was carried out through a literature review. Our research is anchored in theoretical assumptions, such as Cuti (2010), Duarte (2008), Fonseca (2014), Freire (2021), among other scholars in the área. With the study, it was concluded that Afro-Brazilian Literature has a fundamental character in the country's culture, as it transmits in its poetic writing aspects of everyday life that blend with reality.

Keywords: Literature Afro-Brazilian. Identity. Racism. Poncia Vicencio.

¹ Graduanda em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus III.
b.silvaaline.31@gmail.com

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM PERCURSO HISTÓRICO E A REPRESENTATIVIDADE DA ESCRITA NEGRA	10
2.1 A construção da identidade de Ponciá Vicêncio através da memória	12
2.2 As relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio	15
3 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA FEMININA NEGRA COMO RESISTÊNCIA	18
4 O NEGRO, A ANCESTRALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E HISTÓRICO DO PAÍS	19
4.1 Ancestralidade: ressignificando a diápora afro-brasileira	21
4.2 O Potencial da Literatura para humanizar e atuar como instrumento de crítica social	23
5 A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA LUTA CONTRA O RACISMO, O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO	24
5.1 A categorização da cultura afro-brasileira	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

A literatura como uma arte tem sua representação e importância na sociedade, pois, através dela, os escritores expõem os problemas sociais de determinada época, pensamentos sobre várias áreas do conhecimento e que nos dias atuais ainda são comumente observados, questionados e, desta maneira, pode despertar a sensibilidade de quem tem a oportunidade de ler esses textos literários.

Nessa perspectiva, a literatura afro-brasileira que será discutida nesse estudo constitui-se em uma manifestação literária, onde são resgatados a ancestralidade da população afrodescendente e, principalmente na problematização no que se refere as relações que envolve o preconceito racial, de gênero e de classe. Além desses aspectos, a literatura escrita por negras/os está empenhada em dar maior visibilidade no reconhecimento dos direitos sociais da população negra, como também, em demonstrar por meio de sua subjetividade e intelectualidade uma estética literária de qualidade.

À vista disso, a presente pesquisa faz uma análise do romance *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo, importante obra da Literatura Afro-Brasileira. No romance supracitado a autora discorre sobre o processo de reconstrução da identidade da população negra. Para tanto, Ponciá Vicêncio é a protagonista e assume o lugar de narradora de sua própria história. Nesse posicionamento crítico, a escritora busca dar voz a uma parcela da sociedade abordando não apenas o racismo, o preconceito e a discriminação, mas, sobretudo na ressignificação da cultura dos povos de matriz africana.

A literatura afro-brasileira abre novas perspectivas no sentido de não apenas ampliar a diversidade da cultura negra, mas, sobretudo de mostrar suas produções sejam elas de cunho artístico, narrativo e/ou poético que reivindicam o reconhecimento de se ter um lugar de fala, que luta pela diversidade étnico-racial e, assim, resistir e lutar para que haja uma equidade e igualdade de direitos independentemente da posição social, ideológica e/ou política que cada pessoa ocupa na sociedade.

Sendo assim, essa literatura manifesta-se a partir da necessidade de dar voz e espaço a uma minoria que é excluída diante do poder por parte de um grupo que ainda cultua o racismo. Racismo esse que é praticado muitas vezes de forma velada e, por consequência desses atos racistas, há infelizmente uma divisão entre as classes sociais o que acarreta para uma separação entre os seres humanos.

Nesse contexto, atitudes como essas culminam para uma classificação do negro como um ser distinto da raça branca, e, dessa forma, subalternizado e marginalizado. Ademais, essa visão estereotipada acerca da população negra faz com haja uma desigualdade não apenas no que se refere as classes sociais e a raça, mas, também na dificuldade de se ter os direitos iguais, por exemplo.

Dito isto, observa-se que por meio da leitura de algumas obras clássicas, o negro durante muito tempo foi retratado como parte da colonização do Brasil, tendo como foco a escravidão, submissão etc. Consequentemente, esses negros sofreram e, em alguns casos ainda sofrem opressão, discriminação e são silenciados por alguns grupos sociais. Na literatura brasileira, podemos encontrar em alguns romances que há uma exclusão no que concerne aos pobres e negros que ocupam nas narrativas personagens, como por exemplo, delinquentes, prostitutas, domésticas, dentre outros.

Portanto, se faz necessário conhecer obras da literatura afro-brasileira, para que se tenha uma melhor compreensão acerca da história do nosso país, levando em consideração outras visões de mundo, bem como, no reconhecimento dessa literatura para a construção e autoafirmação da nossa própria identidade.

Para tanto, como forma de combater as situações de desrespeito e desigualdade para com os negros, foi estabelecido pela Declaração dos Direitos Humanos em seu 2º artigo que

“Qualquer pessoa tem capacidade para usufruir da liberdade e dos direitos descritos nesta declaração, sem exclusão de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, opinião política ou qualquer outra condição”.

A África e o Brasil estão intimamente ligados entre si, pois os escravos chegaram neste último por meio dos colonizadores, passando a conviver com outras raças e culturas, influenciando e contribuindo para a construção da sociedade e identidade brasileira. A partir dessa contribuição, pode-se elencar autoras negras brasileiras, como Maria Firmina dos Reis, maranhense e a primeira romancista negra a escrever o romance intitulado *Úrsula*, publicado em 1859, no qual tinha como enredo o abolicionismo.

Além de Maria Firmina dos Reis, também podemos mencionar a escritora Carolina Maria de Jesus que escreveu um romance no formato de diário intitulado *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, em que a autora traz por meio de sua escrita uma narrativa que retrata os problemas sociais de uma mulher negra que mora na favela e que enfrenta dificuldades para sobreviver em um espaço onde há uma desigualdade social e descaso do poder público.

Nessa mesma vertente, outra autora afro-brasileira é Conceição Evaristo. Nascida em Belo Horizonte, no ano de 1946, Maria da Conceição Evaristo é militante das causas sociais e na maioria de suas obras é abordado temáticas como raça, classe e gênero. A autora supracitada traz por meio de suas narrativas as memórias de um povo que na história da literatura clássica foram esquecidas.

Algumas de suas obras, em especial *Ponciá Vicêncio* lançada inicialmente no ano de 2003 e que foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007. Nesse mesmo ano, Evaristo foi tema da Ocupação do Itaú Cultural de São Paulo. A escritora também recebeu o prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais, por ter escrito seu primeiro romance intitulado *Ponciá Vicêncio* tendo sua publicação em 2003, como mencionado anteriormente. A obra supracitada é o objeto *corpus* de estudo deste trabalho.

Diante disso, a motivação em pesquisar mais a fundo sobre a literatura afro-brasileira, surgiu a partir da leitura da obra anteriormente citada, que traz reflexões acerca da construção da identidade do ser negro, sua condição social, como, também as relações no que tange os aspectos de raça, classe e gênero e sua representação na literatura brasileira.

Além disso, é possível constatar a invisibilidade dessa literatura no contexto editorial, em que as obras de autoria feminina negra são pouco procuradas para serem lidas, discutidas e estudadas no ambiente acadêmico, como em todas as esferas sociais, viés que merece ser investigado.

Para tanto, enfatizamos a relevância deste trabalho para que a escrita de autoria negra possa ser expandida e reconhecida como uma forma de não apenas discutir a inserção da Literatura Afro-Brasileira e suas especificidades, mas de compreender a vida e a condição humana. Além disto, é possível constatar através da leitura do romance que a população afrodescendente teve que enfrentar e ainda continua a lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesta percepção, entendemos a importância de estudos que abranjam essa literatura como um meio de alcançar novos leitores e que estes possam ampliar novos conhecimentos e posicionamentos críticos-reflexivos no que tange a história e a representação do negro na literatura.

Sendo assim, a *priori*, pretende-se como objetivo geral refletir sobre as relações de raça, classe e gênero no que concerne o romance *Ponciá Vicêncio*. Por conseguinte, para os objetivos específicos será proposto: a) analisar o romance visando a importância de lutar contra o racismo e o preconceito; b) discutir sobre os aspectos sociais que envolve a exclusão e marginalização das pessoas afrodescendentes; c) compreender a literatura como uma arte que está ligada a questões políticas, históricas e sociais da sociedade.

A fim de alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por meio de revisão de literatura observando a obra *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo. A análise dos dados trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo e interpretativo, e para a construção textual utilizou-se de materiais literários reunidos via internet e também por meio de livros os quais serviram de suporte para a elaboração deste trabalho.

Para uma melhor compreensão sobre a literatura e as relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio, este trabalho constitui-se em cinco seções: na primeira, a introdução onde abordamos os principais aspectos da literatura e sua importância no contexto social. Em seguida, apresentamos nossas reflexões no que tange as questões relacionadas ao percurso histórico e a representatividade da escrita negra, tendo como embasamento os estudos de Pollack (1993); Delgado (2003); Duarte (2008). Na terceira seção discutimos acerca da importância da escrita negra como resistência, baseados nas pesquisas de Dalcastagné (2008); Machado (2014) e Maciel (2017). Por conseguinte, na quarta seção comentamos sobre a importância do negro, a ancestralidade e sua contribuição para o desenvolvimento social e histórico do país, para isso, recorremos as pesquisas feitas por Cuti (2010) e Mattos (2016). Posteriormente, na quinta seção lançamos mão dos pressupostos teóricos de Domingues (2005); Bomfim (2009); Munanga (2009) entre outros estudiosos da área que serviram de subsídio para o desenvolvimento deste texto. Por fim, faremos explanações trazendo algumas considerações sobre a pesquisa desenvolvida e as respectivas referências que foram usadas.

Sendo assim, em síntese, o presente estudo discorre sobre o percurso histórico e a representatividade da escrita negra; a importância da escrita feminina negra como resistência; a importância do negro, a ancestralidade e sua contribuição para o desenvolvimento social e histórico do país e, por último, a cultura afro-brasileira e os enfrentamentos de luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: UM PERCURSO HISTÓRICO E A REPRESENTATIVIDADE DA ESCRITA NEGRA

A literatura afro-brasileira surge por volta do século XVIII, onde os escritores, em especial os afrodescendentes abordam em suas obras as questões étnico-raciais, tendo o negro como personagem principal, como é o caso do primeiro romance abolicionista intitulado *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que foi publicado no ano de 1859 por uma mulher negra, neste cenário, surge outros escritores negros como Luiz Gama que trata das questões raciais, colocando o negro como temática central. Segundo Duarte (2008, p. 11): “[...] No mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas Trovas burlescas [...] essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa”.

Nesse sentido, os autores que escrevem essas obras são homens e mulheres negros e negras que vão criar os textos literários a partir de uma subjetividade negra, onde partem do lugar e da vivência enquanto pessoas de cor, de uma população sofrida que até os dias atuais sofrem com os resquícios causados pela escravidão, que na maioria das vezes não tem sua identidade reconhecida, mas, sim marcada por estereótipos.

Na literatura canônica, o negro é marcado por estereótipos coloniais, ocupando geralmente um lugar inferior nas obras. Assim, a literatura afro-brasileira sobrevém para dar voz a personagens negras sendo protagonistas nas narrativas. Para o professor e pesquisador Duarte, a literatura afro-brasileira tem como característica principal:

[...] O negro é o tema principal da literatura negra, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Em segundo lugar,

a autoria. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. (DUARTE, 2008, p. 12)

Deste modo, a literatura afro-brasileira representa e resgata a história de um povo, fazendo-se compreender as diversas etnias e a miscigenação a qual pertence a população, principalmente para aqueles que desejam construir uma identidade da diáspora brasileira e que se vejam representados na literatura.

Apesar de muitos autores trazer em suas obras críticas sociais acerca da escravidão e da desigualdade social, do preconceito e da discriminação, ainda sim, é comum ver obras retratando o negro como um ser domável, como um objeto de desejo sexual (como é o caso das mulheres) e, por consequência, a sua subserviência. Além disso, a população negra, em geral estão situados em contextos de exploração e dominação.

Cabe também ressaltar que os negros não tiveram reconhecimento na sociedade brasileira e nem na literatura, de modo que a maioria dos textos escritos pelos cânones dessa literatura trazem resquícios da escravidão, onde o negro é representado na condição de submissão, de escravo, de um ser passivo, dócil e servil.

Para melhor elucidar o conceito que se tem acerca do negro na história, na literatura brasileira e na sociedade, a pesquisadora Fonseca (2014, p. 07) em seu estudo postula que: “A representação do negro como objeto agrega valores e visões forjados no âmbito da escravidão, interessados em afirmar a inferioridade dos negros ou a sua condição instintiva – propensos à submissão e/ou à violência.” Assim, a inserção de uma escrita negra torna-se relevante para que essa visão estereotipada que se tem a respeito do negro seja desconstruída.

A população negra sempre esteve a margem da sociedade, principalmente no que diz respeito a mulher, e isso se dá em virtude de uma sociedade patriarcal que coloca a mulher em uma situação de inferioridade e subalternidade. Nesse contexto insere-se a concepção que tem em relação entre os gêneros. É a partir dessa submissão e invisibilidade editorial e também nas narrativas que “[...] a conquista realizada pelas mulheres no campo da escrita é de um longo processo de lutas e reivindicações contra um silenciamento patriarcal.” (SOUZA, 2014, p. 02).

É importante mencionar que no parágrafo anterior foi comentado sobre esse processo de lutas que vem de longos anos envolvendo as escritoras negras. Entretanto, é possível também referenciar que os escritores negros também estão envolvidos na conscientização do Movimento da Negritude que busca pela sua emancipação no mercado editorial, numa escrita que traz uma visão de mundo acerca de como se deu a escravidão e suas consequências que até hoje causam dor e revolta a população afrodescendente.

A partir disso, é necessário que as e os autoras/es negras/os tenham o devido reconhecimento que merecem, pois, a sua escrita vai além da condição de pele, está sobretudo, no processo sociológico e biológico que contribui para a formação de outros povos. E, consequentemente na luta e conscientização de ser negro e no resgate da identidade diaspórica e, assim, obter um maior respeito e inclusão social. Sendo assim, essa literatura

[...] chegou a significar a comunidade negra na qual aquelas tradições eram guardadas e cujas lutas sobrevivem na persistência da experiência negra (a experiência histórica do povo negro na diáspora), da estética negra (os repertórios culturais particulares a partir dos quais as representações populares foram feitas) e das contranarrativas negras que lutamos para expressar (HALL, 2001, p. 155).

Nessa linha de pensamento, torna-se relevante introduzir uma literatura que possui uma escrita que envolve os acontecimentos do cotidiano, onde muitas vezes práticas racistas e discriminatórias são comuns visto pelos brasileiros, e que corrobora para uma exclusão social

da classe subalterna, e a partir desses escritos refletir sobre a condição social da população afrodescendente.

Deste modo, por meio de um discurso literário existe uma busca constante no que se refere a integração do negro nas narrativas, para que este possa construir sua identidade, bem como suas lutas e persistência para a equidade e igualdade étnico-racial, sem que haja qualquer tipo de exclusão.

Sendo assim, é de extrema importância que o negro tenha o reconhecimento enquanto escritor e, principalmente enquanto pessoa para que através de sua escrita possa expor o contexto socio-histórico-cultural e ressignificar suas raízes. Portanto, a literatura afro-brasileira além de trazer críticas no que tange o preconceito racial é, sobretudo, uma literatura de resistência, que resgata o valor cultural do país.

2.1 A construção da identidade de Ponciá Vicêncio através da memória

Ponciá Vicêncio é um romance de formação escrito por Conceição Evaristo, e publicado pela primeira vez em 2003. O livro descreve a trajetória da protagonista desde a infância a idade adulta, tendo a memória como via de acesso para o seu autoconhecimento e, conseqüentemente, a sua identidade que está centrada na herança do seu avô. No decorrer da narrativa é estabelecido um diálogo entre o passado e o presente, entre a lembrança e a vivência, entre o real e o imaginado. Além disso, fatores sociais tais como: extrema pobreza, desamparo, discriminação racial, de gênero e de classe são abordados na obra. Sobre esses aspectos discorreremos na subseção a seguir.

Certamente todo ser humano carrega consigo sua identidade, sua cultura e sua história de vida. Assim é a narrativa *Ponciá Vicêncio* que traz uma história carregada de sofrimentos e perdas que são desenvolvidos por meio de flashbacks desde a infância à idade adulta da protagonista. Ponciá é descendente de escravos africanos e mora com seus pais e com o seu irmão, Luandi, no povoado cujo nome é Vila Vicêncio.

Desde a infância, a protagonista se sente desprovida de nome, não se reconhece enquanto pessoa, há uma perda da identidade e uma busca constante em conhecer a sua história e as suas origens. Ponciá não se identificava com o seu nome, sentia-se como se não fosse ninguém.

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Queti, nenhum lhe pertencia também. Ela inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém (EVARISTO, 2017, p. 18).

A personagem desde a infância não se reconhece no próprio nome e busca pela sua identidade. Quando criança apresentava traços físicos semelhantes ao seu avô, o que levou todos da vila acreditar que a herança da ancestralidade estava ligada a Vicêncio (seu avô). Sendo assim, percebe-se que a protagonista não demonstrava ter suas próprias características, o que resultou nessa falta de reconhecimento de si mesma.

Já adulta e cansada de levar uma vida de escravidão, injustiças e desigualdades, Ponciá se desloca do povoado onde reside para ir à cidade em busca de uma vida melhor para si e para os seus parentes. Contudo, ao chegar nesse novo ambiente, sem sua mãe e sem o seu irmão, enfrenta inúmeras dificuldades, onde passou fome e frio, foi morar numa favela, trabalhou como doméstica, casou-se com um marido que a agredia, engravida sete vezes e em todas sofre aborto.

Nesse sentido, podemos observar que a protagonista levava uma vida cheia de sofrimentos e perdas, pois primeiro perdeu o avô, depois o pai, ficou longe de sua mãe e de seu irmão, e, por fim, perde os sete filhos que ela gerou, o que fez com que a mesma não encontrasse sentido na vida e na sua existência. Ou seja, para Ponciá a perda dos seus filhos, apesar de dolorosa é uma resposta, visto que a situação de dificuldades a qual ela passava não era a mesma que ela queria oferecer para os seus filhos.

A protagonista tem a identidade de uma infância até a vida adulta marcada pelo processo escravocrata, que a faz desistir em alguns momentos de si mesma. Ela passa por um processo de autorreconhecimento e enegrecimento de sua identidade, de sua história de vida e no resgate de reconstrução de uma memória que foi esquecida no passado.

A cidade grande nem sempre será sinônimo ou garantia de felicidade, de uma situação melhor. Alguns conseguem melhorar de vida e ajudar seus familiares, outros não tem a mesma sorte e ficam à mercê de uma sociedade injusta, onde o menos favorecido ocupa um lugar inferior, vivendo em situação de vulnerabilidade social, sofrendo até mesmo agressões físicas e verbais simplesmente pela cor de sua pele.

Ponciá Vicêncio desde criança sabia manusear o barro e esse era o único meio no qual ela se encontrava. Entretanto, ainda havia uma lacuna que não estava sendo preenchida. Na sua fase adulta, trabalhando como doméstica consegue juntar algum dinheiro e retorna ao povoado para visitar sua mãe, Maria Vicêncio e seu irmão, Luandi, porém, os mesmos também saem a procura de Ponciá, primeiro o irmão que tinha o desejo de ser soldado e assim como a protagonista, também foi a cidade em busca de trabalho, e sua mãe em busca de seus filhos. A saída do povoado e o seu retorno era uma busca incansável de se encontrar e de se reconhecer enquanto pessoa.

Luandi, irmão de Ponciá Vicêncio, também tem um destino marcado por injustiça. Ao chegar à cidade, ele é preso por estar portando no bolso um canivete e por não possuir documentos, em seguida, é levado à delegacia, e ainda que não tenha cometido crime algum, ele fica feliz por ver que um soldado negro o havia prendido. Esse soldado atende pelo nome de Nestor o qual passa a ajudar Luandi para que mais adiante seu sonho de ser militar se realize: “Luandi José Vicêncio queria ser soldado. Queria ser o Soldado Nestor. Ficar bonito como ele dentro da farda. Falar bonito como ele. Ter a voz de mando com a dele”. (EVARISTO, 2017, p. 67). É notório que neste fragmento, Luandi ocupa uma posição inferior na sociedade, mas que ainda consegue ter esperança que um lugar de privilégio, que geralmente é ocupado por pessoas de pele clara, também seja preenchido por um negro, e esse é o motivo de sua felicidade ao ser preso, saber que ainda é possível viver com equidade e ter direito a voz e não mais ser silenciado e passivo como remonta os tempos da escravidão.

Sobre essa perspectiva, Delgado (2003, p. 13) aponta que: “[...] reconhecer o substrato de um tempo é encontrar valores, culturas, modos de vida, representações, enfim, um gama de elementos que, em sua pluralidade, constituem a vida das comunidades humanas”. Sendo assim, reconhecer que há uma cultura diversa e plural é, sem dúvidas ter o autorreconhecimento como parte constituinte da sociedade.

Toda essa trajetória que mescla o presente e o passado é carregado através das histórias que lhe contavam e que se fazia presente em sua memória, no entanto, era importante para a protagonista conhecer suas origens para que através dela encontrasse sua identidade.

A esse respeito, Pollack (1992) afirma que

[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLACK, 1992, p. 204).

Nesse sentido, a memória não é apenas um fenômeno individual é também coletivo, pois os costumes e tradições são perpassados de geração a geração e mesmo passando por transformações que acompanham a sociedade, ela se mantém viva, assim acontece com a personagem Ponciá ao recordar sua infância. Isso se confirma no excerto a seguir: “Quando criança, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino.” (EVARISTO, 2017, p. 14)

Assim, Ponciá busca suas origens através de suas lembranças e são sobre essas recordações que a narrativa vai sendo desenvolvida. Ainda ao nos referirmos a memória, constatamos por meio da leitura do romance que quando seu avô faleceu, a protagonista ainda era criança de colo, mas lembrava-se de suas características físicas ao ponto de criar um boneco de barro semelhante ao seu avô Vicêncio. “Ela era a pura parença com Vô Vicêncio. Tanto o modo de andar, com o braço para trás e a mão fechada como se fosse cotó, como, ainda, as feições do velho que se faziam reconhecer no semblante da jovem.” (EVARISTO, 2017, p. 54)

Além disso, também guardava consigo os sentimentos de dor e alegria que ele sentia, além do braço cotó que num momento de revolta e desespero, após cometer um homicídio matando sua esposa, acaba por se mutilar, e ainda pequena ouviu do seu pai que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Podemos observar essa passagem na transcrição a seguir: “Nunca esqueceu que, naquela noite, ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina.” (EVARISTO, 2017, p. 15).

Conforme Delgado (2003):

Tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Inúmeras vezes, através de uma relação tensa de busca de apropriação e reconstrução da memória pela história. A relação tencionada acontece, por exemplo, quando se recompõem lembranças, ou se realizam pesquisas sobre guerras, vida cotidiana, movimentos étnicos, atividades culturais, conflitos ideológicos, embates políticos, lutas pelo poder (DELGADO, 2003, p. 10).

Como foi explanado anteriormente, a herança que Vô Vicêncio havia deixado para Ponciá está vinculada à memória dos seus ascendentes africanos, ao período de escravidão e de subserviência que em um ato de desespero fez com que o mesmo cometesse homicídio, matando a sua esposa, e se mutilasse como forma de apagar a dor e demonstrar indignação em relação as condições subumanas que ele e sua família viviam.

O patriarca da família Vicêncio teve seus filhos vendidos mesmo após terem nascidos quando a Lei do “Ventre Livre” já estava em vigor. Além disso, percebe-se que mesmo depois ter sido abolida a escravidão, essa prática ainda se fazia presente sob outros moldes, pois nada herdaram, viviam apenas em função de trabalhar para o coronel. Obtiveram unicamente uma falsa libertação vivendo num estado de miséria: “Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida.” (EVARISTO, 2017, p. 70). Nessa linha de pensamento, compreende-se que não houve uma integração social, a partir disso surge o racismo, quando o negro é visto de forma estereotipada, marginalizado e inferiorizado em relação ao branco.

Dessa forma, os negros durante muito tempo foram silenciados, vítimas da injustiça e da desigualdade racial e social, e mesmo após a abolição da escravatura, viviam reféns do coronel, do trabalho sem remuneração e, além disso, em condições desfavoráveis a qualquer ser humano, morando em favelas, muitas vezes se alimentando das sobras que eram desperdiçadas pelas pessoas que tinham um poder aquisitivo melhor.

Nas palavras de Delgado (2003, p. 17): “[...]a memória atualiza e presentifica o passado, uma vez que é retenção, mesmo inconsciente ou encoberta da experiência vivida e dos sentimentos preservados.” A memória é parte constituinte não apenas de uma individualidade,

mas, também de uma coletividade que toma consciência e cria mecanismos de autoafirmação enquanto pessoa de cor.

Portanto, a memória, o passado e o presente são o elo para a construção da identidade de Ponciá Vicêncio, que são representados pelas lembranças que tem do seu avô e de quando era criança, que mesmo na idade adulta se mantém presente. Esse regaste da memória age de forma racional por parte de nossos ancestrais, ativando potencialidades que “dormem” em nós, além de nos dar um rumo, um propósito de vida, uma identidade muitas vezes não reconhecida.

Diante dessas considerações, a seguir, discutiremos sobre as relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio.

2.2 As relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio

Durante muito tempo, a mulher teve seus direitos violados sem poder exercer sua cidadania como pessoa e, principalmente enquanto mulher, vivendo numa sociedade patriarcal, tendo o seu papel de dominada, passiva e subserviente. Não só a mulher branca foi silenciada, sobretudo, a mulher negra que era vista como um ser inferior, considerada como um objeto sexual e isso remonta desde o período da colonização, onde os negros deveriam ser domesticados e, nesse sentido, eram considerados “animais” passivos e fácil de serem dominados, principalmente pelo colonizador.

Por consequência, surge o preconceito racial e social que envolve as classes subalternas. Com o objetivo de desconstruir esses estereótipos ligados as pessoas de cor, é que surge também os movimentos acerca dessa temática com o compromisso de lutar pela igualdade e liberdade dentro da sociedade.

A partir disso, as mulheres conseguem exercer a democracia e conquistam o direito ao voto, como também, o trabalho de carteira assinada, conquistam, mesmo com dificuldades exercer papéis que até então só eram exercidos pelos homens. Contudo, as mulheres, principalmente as negras enfrentam diariamente, em decorrência do período de escravidão, a exclusão social, o racismo e a violência de gênero que muitas vezes se faz presente ainda nos dias atuais.

O racismo está ligado ao preconceito de cor sobre outra pessoa, ou seja, o sujeito é julgado pelo tom de sua pele e, nessa perspectiva é que se estabelece uma hierarquia de uma determinada raça que de forma consciente ou inconsciente estão em uma situação de privilégio e por meio desta cometem atos de exclusão. A esse respeito, a pesquisadora Sueli Carneiro (2003, p. 02) define que: “O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas.”

Concomitante a isso ocorre a discriminação e o preconceito racial em que esses grupos minoritários não tem o seu devido reconhecimento e são privados de exercer funções que geralmente são exercidas pelos brancos que consideram as pessoas de cor incapazes de realizar as mesmas funções que a classe dominante. Nesse sentido, Cuti (2010, p. 70) explica que: “O racismo constituiu-se uma atitude coletiva de brancos para perpetuar a dominação sobre os negros. Difícil conseguir desvencilhar-se, sobretudo porque os preconceitos trazem fortes significados de privilégios.”

No que concerne o conceito de gênero, podemos pontuar que é a diferença no que diz respeito a relação do homem para com a mulher, ou seja, a mulher é destinada ao trabalho doméstico, cuidar do marido e dos filhos e quando conseguem um emprego, ganham um salário inferior se comparado ao do homem que ocupa o mesmo cargo. Por conseguinte, todas essas convenções, citadas anteriormente contribui para a desigualdade tanto entre as classes, como, nas relações de gênero, isto é, uma diferença de posição socioeconômica.

Dito isto, partiremos para a análise do romance *Ponciá Vicêncio* (2017), de Conceição Evaristo, elencando todos esses aspectos que foram mencionados. Inicialmente, percebe-se que a narrativa está situada no contexto de pós-escravidão, onde mesmo após a abolição da escravatura os negros permaneceram no povoado do Senhor Vicêncio e continuaram trabalhando em condições desfavoráveis e subumanas, como está descrito no fragmento a seguir:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Eram pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2017, p. 17).

A pessoa negra, várias vezes é considerada e colocada em um lugar de inferioridade, o que faz com que a sociedade dominante rotule como um ser que possui características marginais e que deve ocupar um lugar de submissão e dominação. É através da citação acima que podemos observar a diferença entre as classes e a posição que o indivíduo ocupa.

No decorrer da narrativa, Ponciá decide ir embora do povoado e migra para a cidade grande em busca de uma condição de vida melhor, uma fuga para sair de toda a situação escrava, porém, ao chegar no seu destino, a protagonista se depara com a desigualdade social e encontra várias pessoas em situação de descaso e abandono:

Mendigos, crianças, mulheres e homens vinham alegres, risonhos apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns já deitados, agasalhados em jornais, e sentiu um calafrio. Lembrou dos Santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira (EVARISTO, 2017, p. 35).

Dessa forma, não apenas os negros, mas todas as pessoas que ocupam uma condição de classe inferior são excluídas, como bem ressalta Cuti (2010) que esse condicionamento de exclusão e discriminação é uma forma de restrição e discriminação de os “não-negros” não se reconhecerem como parte do processo de miscigenação, principalmente em admitir que o afrodescendente contribuiu para a formação histórica e cultural do país, negando a sua própria cultura e ancestralidade. O pesquisador ainda explica que “Discriminar, portanto, é também uma forma de os mestiços de diversas origens negarem-se como “negros”, mesmo que seus vínculos estejam presentes em sua ascendência, no teor da melanina da pele ou nas suas características faciais.” (CUTI, 2010, p. 17).

Todas essas relações que envolvem a raça, a classe social e o gênero são perpassados ao longo do tempo e transmitida nas obras, como é o caso romance em estudo, em que podemos perceber que Evaristo tece uma crítica a essas relações de poder quando dá voz a protagonista Ponciá Vicêncio, nome que leva o título da obra. Nessa perspectiva do negro que busca o seu espaço e reconhecimento para com outras raças tentando uma relação de coletividade, surge a necessidade de um meio que viabilize uma discussão em torno de temáticas relacionadas as questões sociais, tais como as que estão sendo explanadas nessa pesquisa.

Assim, Oliveira (2014) referenciando Frantz Fanon (2008) ressalta que: “O ser negro existe a partir de uma relação com o outro, a necessidade de se afirmar e reconhecer surge com a falta de espelho, ou seja, com a relação do negro com o branco” (FANON, 2008 apud OLIVEIRA, 2014, p. 3). Os autores comentam que a falta de integralização com o negro é o que corrobora para o racismo, nesse sentido, os negros tornam-se conscientes da sua diferenciação na sociedade.

Em consonância com os autores anteriormente mencionados, Paulo Freire (2021, p. 51) declara que: “Não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração.” Para o autor, essa integração se faz a partir da convivência com as pessoas de diferentes classes sociais e raças, é uma forma de se encontrar no outro, de ser ouvido, de conviver pacificamente com a diversidade e aceitar as pessoas em seu convívio em sociedade.

A personagem Ponciá sofreu violência dentro de sua casa, e também fora dela devido a seu gênero, classe e, principalmente por ser negra. Como consequência houve a perda de sua identidade por viver e carregar consigo as marcas da escravidão no seu próprio nome, a exclusão e o preconceito racial que enfrentou ao chegar à cidade, até a violência doméstica praticada pelo seu companheiro que também mantinha uma vida em condições subumanas, como observa-se no excerto a seguir:

Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa (EVARISTO, 2017, p. 82-83).

A passagem acima demonstra como a situação de violência vivenciada por Ponciá é uma realidade de mulheres em geral. No entanto, ainda se torna mais evidente em mulheres negras, que desde os anos 70 juntavam-se em grupos que objetivavam gerar novos conhecimentos e lutar pelo espaço social que lhes eram devidos, agregando na luta para a criação de Lei específica que garantisse a todas as mulheres a proteção contra a violência e também a igualdade de direitos de ambos os gêneros.

A esse respeito, Biroli e Miguel (2015) pontuam que

Os avanços do feminismo negro a partir dos anos 1970 e as críticas as exclusões produzidas pela afirmação de um sujeito coletivo de luta aparentemente indiferenciado – “nós mulheres” – produziram reflexões que hoje são incontáveis para as lutas e as teorias feministas. Nessas abordagens, a raça ganha maior peso e a consideração conjunta do gênero, da classe e da raça e organiza lutas e novos paradigmas sobre a produção do conhecimento sobre a posição das mulheres no mundo social (BIROLI; MIGUEL, 2015, p. 36).

Sendo assim, a literatura age de forma positiva para a transformação social, traz reflexões sobre nós mesmos e sobre nossas atitudes enquanto sujeitos sociais. Portanto, conhecer a história do povo afrodescendente é conhecer a si mesmo, é encontrar-se no outro, é contribuir para a cultura e desconstruir preconceitos que por muito tempo estão arraigados na sociedade. Essa luta contribuiu para que hoje as mulheres negras também pudessem ter os seus direitos reconhecidos.

No que concerne a herança ancestral, é notório que isso só acontece no final da narrativa quando Ponciá descobre que o que seu avô havia deixado de mais importante para ela é a ancestralidade presente tanto no processo de escravidão quanto na cultura do seu povo. São esses fatores que contribuem para o autorreconhecimento, autoafirmação e enegrecimento da protagonista do romance, que passa a entender sobre sua identidade.

Diante das explicações feitas acerca das relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio, discorreremos, em seguida, sobre a importância da escrita de autoria feminina negra como um meio de proporcionar uma maior reflexão no que diz respeito a exclusão de uma escrita que se contrapõe ao que é narrado pelo cânone literário. É importante ainda ressaltar que abordaremos a necessidade de reverberar essa escrita como resistência tendo sua representatividade no contexto histórico, político e social.

3 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A IMPORTÂNCIA DA ESCRITA FEMININA NEGRA COMO RESISTÊNCIA

A literatura está iminentemente ligada a sociedade pelo fato de sua importante contribuição na instrução em favorecer em um pensamento crítico acerca daquilo que lhe é exposto. Dessarte, é importante salientar que através dela é possível conhecer outras histórias, culturas, registrar acontecimentos, representar as raças e lutar por justiça e pelos anseios de um povo. Sendo assim, o fazer literário permite a liberdade de expressão, práticas que são inerentes ao ser humano, mas que por vezes é silenciado pelo fato dessa literatura ser escrita por uma mulher negra.

Como mencionado no decorrer desse estudo, a opressão de gênero não está apenas centrada na exclusão das relações sociais, mas no reflexo de uma literatura hegemônica que atribui a mulher negra, dando-lhe em suas narrativas um papel secundário, marcado por estereótipos como o racismo e o preconceito, legitimando, dessa forma, a condição subalterna da mulher na sociedade. Esse tipo de representação da população negra na literatura reverbera e reforma de forma negativa a permanência da inferiorização.

A mulher, sobretudo a mulher negra teve sua voz silenciada diante de uma literatura misógina que lhe atribuía uma condição subalterna, de modo a acreditar na sua própria inferiorização diante dos homens. Nessa direção, a sociedade patriarcal considera que a mulher é idealizada como um objeto sexual para satisfazer o desejo do homem, bem como, para exercer funções domésticas, mas nunca o de executar o papel de protagonista de sua própria história e representação, ocupando sempre a condição de subalternidade, sem capacidade intelectual, e, portanto, negando a escrita de mulheres, principalmente, mulheres negras.

A respeito de como os negros são representados na produção literária canônica, a pesquisadora Regina Dalcastagné (2008) em seu estudo intitulado *Entre silêncios e estereótipos: relações sociais na literatura contemporânea* postula que

Quando os negros são representados, costumam aparecer em posição secundária no texto (não são os protagonistas e muito menos os narradores e em situação subalterna na trama) restringindo-se a algumas posições estereotipadas, como a de bandido, prostituta e doméstica, por exemplo (DALCASTAGNÉ, 2008, p. 106-107).

Essa estereotipia ainda é visível nos dias atuais diante da dificuldade que escritoras/es negras/os enfrentam no mercado editorial ao tentar publicar seus escritos que, muitas vezes é marcada por uma escrita de dor, de lutas, retratando os dilemas da vida daqueles que estão à margem da sociedade, sob um olhar de um grupo que foi silenciado e subalternizado, principalmente no que se refere a produção literária da mulher negra. Desta forma, a literatura afro-brasileira é uma narrativa comprometida a contar suas experiências de ser negro/a na sociedade.

A importância de uma escrita feminina negra corrobora para que estereótipos existentes na sociedade brasileira sejam desconstruídos. É uma escrita que reivindica e reflete a realidade daqueles que estão à margem, que lutam para ter os mesmos direitos da classe dominante, uma vez que, segundo Maciel (2017, p. 233) “a estereotipia negativa do negro condenou a sociedade à desigualdade e a certeza que o mundo foi feito para o homem branco.” Esses são resquícios de um período marcado pela escravidão e que de certa forma contribui na inferiorização do negro/a na literatura.

A literatura escrita por negros apresenta e representa por meio das palavras uma busca pela inclusão histórico-social, bem como a valorização identitária, é também um meio de viabilizar críticas e resistência as questões relacionadas ao racismo, preconceito e discriminação.

Diante dessa necessidade de promover e difundir a existência de uma cultura negra, que traz uma identidade positiva e que são descritas por meio das experiências de mulheres que fazem história e que usam a literatura como um meio de resistência, de luta e, sobretudo de uma identidade negra que merece ser reconhecida de forma afirmativa que confronta o poder da classe dominante.

Nessa linha de pensamento, Machado (2014, p. 252) esclarece que

A percepção da existência de uma cultura negra que ultrapassa a barreira nacional para abarcar toda uma dimensão diaspórica – as pessoas negras norte americanas, as das ex-colônias africanas relaciona-se com uma das características principais do Movimento Negro Contemporâneo: a criação de uma identidade negra positivada, de sentido político, que faz frente ao racismo dominante (MACHADO, 2014, p.252).

Como bem explica a autora, a escrita além de ser um ato político, é também uma forma de resistir às diferenças e preconceitos que afetam principalmente a comunidade negra. Esse movimento, partindo da escrita, traça um percurso comprometido e que contribui para dar visibilidade ao povo negro, bem como, para a sua valorização enquanto ser humano independentemente de sua posição social, política étnica etc.

Ademais, em conformidade com Machado (2014), Cuti (2010) afirma que: “Todos têm direito a toda cultura do mundo, inclusive à de sua herança histórica.” (CUTI, 2010, p. 41). Essa cultura está intrinsecamente ligada a uma escrita que rompe com os estereótipos da supremacia branca, a partir de uma subjetividade negra, reivindicatória que produz efeitos de sentidos, além de ser uma literatura que retrata problemas universais.

Nessa vertente, compreende-se que o ato de escrever é uma forma de resistir, sobretudo quando se refere a escrita feminina e negra, visto que durante muitos anos essa autoria teve seus escritos e sua voz silenciados. Assim, consideramos, também que escrever, ler, ensinar é reivindicar a sua existência dentro de uma sociedade que oculta e marginaliza a história da comunidade negra. Cabe ainda destacar que a literatura afro-brasileira, assim como a literatura clássica é uma prática histórica, social, política, ideológica e cultural.

O contato com o texto literário provoca várias sensações, é como se estivéssemos vivenciando os acontecimentos narrados na história, onde muitas vezes nos vemos representados por algum personagem seja na sua personalidade ou até mesmo no espaço em que são expostos os acontecimentos. É por meio desses textos que refletimos nossas práticas enquanto seres humanos, reconhecemos nossa identidade e nos reencontramos na dor e/ou na felicidade do outro.

Nas palavras de Compagnon (2009, p. 48-49): “O texto literário fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio eu me identifico com os outros e sou afetado por seu destino; suas felicidades e sofrimentos são momentaneamente os meus”. Aqui, o autor deixa claro sobre como uma obra pode refletir sensações, sentimentos e acontecimentos já vivenciados pelo leitor, tocando-lhe de forma que se sintam representados no texto.

Da mesma forma acontece ao lermos a obra *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, pois muitos aspectos presentes no romance são os mesmos que encontramos diariamente, como, por exemplo, a exclusão, o preconceito racial, a desigualdade no que diz respeito ao gênero, a luta constante pela busca de sua identidade etc.

Diante dessas considerações, a seção a seguir tece alguns apontamentos no que concerne os aspectos da ancestralidade. Para embasar nossa escrita recorreremos aos estudiosos, a exemplo de Oliveira (2009); Cuti (2010) e Mattos (2016).

4 O NEGRO, A ANCESTRALIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL E HISTÓRICO DO PAÍS

Reconhecer a importância do negro e sua representatividade em todos os âmbitos é um processo de compreensão o qual se busca uma reconstrução do afrodescendente, que se transforma em vozes que são perpetuadas em movimentos de luta por igualdade étnico-racial, na resistência de poder ser ouvido através de sua própria história e concepção de mundo. Sendo assim, é possível ver e pensar outras formas de literatura, como, por exemplo, a literatura afro-brasileira que além de produzir uma crítica literária, uma atitude ética e política é, também uma fazer ideológico, cultural, político e estético.

Feita essa ressalva, cabe ainda salientar que a cultura brasileira tem suas raízes pautadas na África, e muito do que conhecemos, ouvimos e comemos vieram dos povos africanos. No livro *História e cultura afro-brasileira* (2016), de Regiane Augusto de Mattos, a autora discorre sobre as questões que influenciaram a cultura no Brasil e isso se deu desde a religiosidade, passando pela culinária, esporte etc. Nessa direção, Mattos assevera que

A capoeira pode ser vista, da mesma forma que as irmandades religiosas e as reuniões em batuques, como um espaço construído por escravos libertos, africanos e crioulos, para encontros e afirmações de apoio e de solidariedade entre os membros de um mesmo grupo. Esses grupos distintos eram conhecidos como maltas (MATTOS, 2016, p. 185).

Elementos como esses que foram citados anteriormente não apenas expõe a capoeira como uma prática esportiva que herdamos dos povos africanos, mas, sobretudo na ancestralidade, na valorização da nossa cultura que é rica, plural e diversa.

Os africanos tinham a dança, a música, o esporte e a culinária como um meio de estar em constante diálogo com os ancestrais, além disso, esses aspectos também são uma forma de expressão para expandir e viabilizar a religião católica, o candomblé e na luta pela libertação, sobretudo na prática de esportes que era como uma arma de combate e defesa aos maus-tratos, a exemplo dos açoites que os escravos sofriam por parte dos senhores e coronéis.

Nessa linha de pensamento, é possível constatar que a escrita negra é carregada de marcas orais, de significados, de representatividade, especialmente no que concerne a herança ancestral que vive e se torna presente em nossos dias, como um meio de fomentar não apenas a literatura afro-brasileira, mas de ter consciência de ser negro no Brasil.

Ao descrever os elementos constituintes da literatura afro-brasileira, Cuti (2010, p. 60-61) ressalta também a importância da linguagem, dos acessórios em que: “Os aspectos formais das tradições africanas, como o vocabulário, o ritmo, a recriação de tradição oral, fazem sentido se associados a um processo de consciência racial em franco desenvolvimento.” Aspectos como esses que o teórico Cuti pontua estão em constante diálogo com o romance *Ponciá Vicêncio*, que trata a cultura afro-brasileira como uma forma de viabilizar e revivificar a contribuição dos povos de matriz africana, como visto no trecho a seguir:

O colchão de capim era as vezes cheiroso, dado alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. Os grandes vasilhames de barro ou de ferro e os tachos, em que as mulheres faziam doces, permitiam imaginar farturas. As crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura (EVARISTO, 2017, p. 51-52).

Sendo assim, torna-se necessário que haja uma valorização das pessoas negras, pois são parte integrante na formação histórica do nosso país, uma história que contribui não apenas para a diversidade de uma cultura, mas de luta por sobrevivência, por direitos iguais, por ter sua representatividade na literatura, na culinária, no esporte e nos mais diversos âmbitos sociais.

Posto isto, a seguir, iremos discorrer brevemente acerca da ancestralidade, ressignificando a diáspora afro-brasileira, tendo como subsídio teórico os apontamentos de Cortazzo (2019); Dionísio e Adolfo (2009) e Oliveira (2009).

4.1 Ancestralidade: ressignificando a diáspora afro-brasileira

A oralidade sempre esteve presente em nossa sociedade desde a antiguidade, bem como a musicalidade expressa nas rodas de samba, nas cantigas de amigos. Esses são alguns elementos que podemos elencar e que são oriundos da cultura afro-brasileira como uma herança e respeito à memória e a identidade dos povos afrodescendentes.

Refletir acerca da ancestralidade da população negra é poder não apenas manter sua identidade, é sobretudo resistir a todo e qualquer estereótipo e, dessa forma, manter viva sua cultura, sua origem e seu protagonismo nas mais diversas esferas sociais. É um agir a favor de uma história que tenha uma representatividade, visibilidade da sua cultura e religião.

Nesse sentido, a oralidade está estritamente ligada às memórias e as experiências do povo negro. Assim, podemos perceber que o romance *Ponciá Vicêncio* (2017) tem uma estrutura ritmada, resgatando a memória, a religião e a ancestralidade daqueles que durante muito tempo foram invisibilizados, expostos de maneira pejorativa e negativa, submetido a condição inferior ao branco. É uma narrativa que não apenas critica o período escravagista, mas traz a identidade negra de forma positivada.

Para as religiões de matriz africana, a oralidade assim como a escrita é importante para que à cultura dos povos afrodescendentes sejam reconhecidos por um viés de luta, resistência e de autoafirmação. Assim, é possível que haja respeito e valorização dos povos afro-brasileiros, visto que muitos dos nossos costumes vieram da contribuição desses povos que diante da sociedade dominante ainda são estigmatizados.

Nessa perspectiva, através das narrativas escritas como as de Conceição Evaristo, Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Luiz Gama e tantos outros escritores é que essa literatura vem ganhando uma maior visibilidade em todas as esferas sociais. Entretanto, ainda temos muito a percorrer, para que as pessoas tenham a oportunidade de ter contato com esses textos e compreendam o outro lado da história e construa sua própria visão de mundo, com respeito e criticidade.

De acordo com Dionísio e Adolfo (2009, p. 72), “No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos afrodescendentes, uma narrativa que rememora a África, denunciando a condição de vida dos afro-brasileiros, e que, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade.” O sentimento e o autorreconhecimento positivo dessa identidade negra concebem a população afro-brasileira a tomada de consciência de seus direitos como qualquer outro cidadão.

Ainda ao nos referir ao que os autores Dionísio e Adolfo (2009) explicam acima, podemos apreender que é por meio das histórias que o afrodescendente se identifica e constrói a sua própria identidade. São relatos que passam a ser contados e reconhecidos como parte fundamental para a formação histórica e cultural do Brasil, e que merecem ser reconhecidos e valorizados por trazer elementos que todos nós independentemente da cor vivenciamos e usamos no nosso cotidiano.

Após essas considerações no tocante a Ancestralidade: um resgate da diáspora afro-brasileira, vimos que a memória e a religião são fundamentos essenciais para construir uma resistência e respeito a diversidade étnico-racial. Em síntese, são manifestações para fortalecer a identidade da população afrodescendente e sua inclusão, sobretudo no respeito à experiência dos mais velhos que são considerados como pessoas sábias que conhecem todo o processo histórico.

A esse respeito, Oliveira (2009) define que

[...] a ancestralidade torna-se o signo da resistência afrodescendente. Protagoniza a construção histórico-cultural do negro no Brasil e gesta, ademais, um novo projeto sócio-político fundamentado nos princípios da inclusão social, no respeito as

diferenças, na convivência sustentável com o Meio-Ambiente, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária entre outros (OLIVEIRA, 2009, p. 03).

Entendemos que a ancestralidade além de ter uma parte significativa na memória coletiva do povo afrodescendente, também está envolvida em um protagonismo discursivo da negritude que expõe seus posicionamentos em detrimento de atitudes racistas e excludentes. Nessa direção, o autor se refere a um movimento em que consiste em uma reivindicação onde o negro é um ser constituinte do processo histórico, social e cultural do país. Partindo da mobilização daqueles que lutam pela inclusão e respeito as diferenças e a diversidade, uma vez que o Brasil é plurirracial.

Segundo Cortazzo (2019, p. 01) o negro não tem sua voz isolada, é um agir sobre as experiências vivenciadas que se direciona para a comunidade diaspórica com a finalidade de resgatar a ancestralidade. É também uma escrita que traz marcas do sistema escravagista, mas que ainda sim, é uma voz que representa a coletividade do povo afrodescendente, que expõe toda uma situação de negação e oposição no que concerne ao silenciamento da população negra.

Mas a voz negra não é uma voz isolada, individual, intimista, única e privilegiada como propõe a estética ocidental. O *eu* negro aparece profundamente vinculado à sua comunidade, a um *nós*. Não é a musa que fala através dele, nem o gênio da sua pessoa: é a voz da sua gente, do seu povo que o leva até a voz dos ancestrais, identificando-se assim como uma história específica e uma situação de hostilidade e negação (CORTAZZO, 2019, p. 01).

No que tange o romance em estudo, podemos constatar que a promessa de Vô Vicêncio não está na cidade, tampouco na importância de saber ler e escrever, que, de fato, possibilitaria um gama de conhecimentos. Todavia, em contrapartida, afastaria Ponciá de sua história, visto que, a ancestralidade de Vô Vicêncio se presentifica por meio da personagem Nêngua Kainda a qual todos ouviam e mantinham respeito.

Luandi que tanto almejava saber ler e escrever, compreendeu através das palavras de Nêngua Kainda que “da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso construir a história dos seus.” (EVARISTO, 2017, p. 110). A citação exposta acima nos faz refletir que era necessário que houvesse um movimento por parte da comunidade negra com o objetivo de resgatar sua memória, sua ancestralidade que, no romance *Ponciá Vicêncio* (2017) essas características estão presentes tanto no fato de a protagonista saber manusear o barro, como também, na forma idêntica de comportamentos iguais aos de seu avô.

Nessa direção, a herança ancestral que tanto é narrada no romance está centrada no resgate da diáspora africana, de forma a conscientizar os afrodescendentes a respeito de suas origens, lutas e, sobretudo de libertação, de autorreconhecimento de sua identidade e resistência a quaisquer tipos de exclusão social que, infelizmente impera no Brasil, além de estar constantemente em busca por sua cidadania.

Feito essas considerações acerca da ancestralidade como um fator relevante de resgate da diáspora afro-brasileira, no qual fizemos apontamentos relacionados a necessidade de uma autoafirmação do ser negro. Tecemos também alguns comentários no que se refere as experiências da comunidade negra por meio dessa literatura.

Posto isso, partimos para a subseção que tem como título “O Potencial da Literatura para humanizar e atuar como instrumento de crítica social.” Para tanto, tomamos como suporte teórico as pesquisas feitas pelos estudiosos, a exemplo de Bernd (1998) que pontua sobre o racismo e os direitos humanos. Além do pesquisador Bomfim (2009) que tece comentários acerca da literatura como prática social com ênfase na escrita de mulheres negras, como, Conceição Evaristo, escritora que compõe o nosso *corpus* de pesquisa. Além dos pesquisadores

Bernd e Bomfim, recorremos aos construtos teóricos feitos por Candido (2004) e Todorov (2009) que descrevem sobre a literatura como poder humanizador e transformador da sociedade.

4.2 O Potencial da Literatura para humanizar e atuar como instrumento de crítica social

A literatura como parte de um contexto social e de uma cultura pode dar formas a visões de mundo e as normas histórico-culturais presentes na sociedade e na consciência coletiva, tornando sensíveis e partilháveis temáticas que, através do discurso cotidiano, não ofereceriam o mesmo impacto. Nesse viés, a literatura recupera o passado e as diferenças existentes na sociedade.

Candido (2004, p. 179) assevera que “As produções literárias, de todos os tipos e de todos os tempos satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo.” O autor declara que é por meio dos textos literários que conhecemos e aprendemos sobre outras culturas, assim, é uma arte que transforma a sociedade e humaniza o ser humano.

Em outras palavras, nós estamos inseridos em um contexto que requer um posicionamento crítico e isso se torna necessário, principalmente em relação a literatura. Sendo assim, refletir, escrever, dialogar é um fazer literário com potencial transformador e humanizador. Nesse sentido, o fazer literário é descrever por meio da ficção os problemas, as angústias, as conquistas de uma determinada época e que atua de forma universal.

Ponciá Vicêncio como já foi discutido nessa pesquisa, é um romance em prosa poética, constituído por marcas de oralidade, na qual a protagonista tenta reencontrar sua identidade. Essa identidade que tanto a personagem almeja encontrar se revela a partir do momento em que ela busca suas memórias e passa a se autoconhecer e se autoafirmar como descendentes de africanos, ou seja, o reencontro com os seus ancestrais.

De acordo com Bernd (1998, p. 98) “há sempre um eu enunciador que fala em nome de um nós da comunidade, dirigindo-se a um tu, ouvinte/leitor que deve ser sensibilizado pela palavra poética e motivado a aderir a mesma luta.” O texto literário é um forte instrumento, capaz de não apenas criticar, mas de construir uma história na qual o leitor faça parte dela, é assim que acontece ao lermos o romance *Ponciá Vicêncio* que de forma poética relata suas dificuldades de se ter uma identidade própria, em memória de seus ancestrais, não uma identidade marcada pelo processo de escravização, subordinação e inferioridade no qual os negros sempre foram vistos e descritos.

Essas marcas estão presentes na literatura brasileira, onde há um discurso sobre o negro e, principalmente, no que tange a mulher negra de forma totalmente distorcida, imprimindo-lhe um valor inferior ao branco. Esse processo estereotipado e de colonização pelo qual a mulher negra passou corrobora para que “[...]a opressão estrutural que submete as mulheres negras deve ser compreendida como uma articulação histórica entre sexismo e racismo.” (BOMFIM, 2009, p. 246).

Diante dos colonizadores, a mulher negra é explorada em sua sexualidade, ocupando uma posição de inferioridade, não apenas em relação as personagens na literatura misógina, onde são relatados o discurso sobre o negro, mas também na sociedade, onde não há oportunidade de a comunidade negra, sobretudo a afrodescendente ser o protagonista de sua própria história.

Dessa forma, torna-se necessário (re) conhecer a comunidade diaspórica como matriz de coletividades humanas, e, assim, ser um ser humano constituinte da formação do Brasil. Expandir essa literatura nos mais diversos âmbitos implica em conhecer a história sobre outra

perspectiva, que retrata acontecimentos históricos. São escritores negros empenhados a desmistificar a cultura do racismo e da escravidão.

É importante ainda destacar que os excluídos são considerados sem valor, indignos e, portanto, possíveis de serem explorados ou prejudicados. É nesse sentido que a escrita de Evaristo atua para criticar os padrões pré-estabelecidos pela misoginia, como uma luta através de seus escritos que, é por vezes muito dolorosa, pois retrata numa pluralidade de existências a vulnerabilidade constituinte da condição humana, vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, sem quaisquer idealizações que são criadas pela comunidade afro-brasileira.

A literatura age para criticar, para expor os problemas sociais, políticos, ideológicos, históricos e culturais. No entanto, entendemos a literatura como parte essencial para atuar na humanização e transformação da sociedade, para construirmos um mundo melhor, e isso só é possível por meio do contato com o texto literário que se propõe em aproximar o autor-texto-leitor, possibilitando vários efeitos de sentido.

Sendo assim, nosso pensamento está ancorado nas palavras de Tzvetan Todorov (2009) que argumenta que

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 76).

Como descreve o autor, a literatura nos envolve e nos transforma enquanto seres com papéis sociais para agir na sociedade em prol de se obter um pensamento crítico e reflexivo, que nos aproxime do outro e que nos faça compreender que é possível viver em uma sociedade livre de atitudes excludentes, uma vez que a própria literatura nos ajuda e, muitas vezes nos coloca na posição que o outro ocupa. Assim, é um fazer literário e um agir para transformar, criticar e humanizar.

No tocante a “Escrevivência” termo cunhado por Conceição Evaristo, que seria escrever a escrita a partir da vivência da mulher negra na sociedade brasileira, compreendemos que essa escrevivência de autoria de mulheres negras se dá por meio de vivências cotidianas, na trajetória de autorreconhecimento, percepção e apropriação do que é ser africano, afrodescendente e, dessa forma, construir a ancestralidade e memória.

Podemos observar que a “Escrevivência” torna-se fundamental para entender as nossas histórias, explicar acontecimentos e, sobretudo, contribuindo para a reflexão de que cada pessoa merece ter a oportunidade de ser ouvida, de se reconhecer como um ser pertencente aquele grupo sem que haja exclusão, seja ela por posição social, ideológica, cultural etc. E isso só será possível a partir do momento que a literatura afro-brasileira seja expandida, ao estarmos abertos a conhecer uma outra realidade que, muitas vezes é cruel, porém é necessária porque descreve as lutas de uma minoria por sua emancipação nas mais diversas esferas sociais.

Posto isto, a seguir faremos algumas ponderações no que diz respeito a cultura afro-brasileira na luta contra o racismo, o preconceito e a discriminação. Para tanto, lançamos mão dos pressupostos teóricos estabelecidos por Domingues (2005); Evaristo (2009); Munanga (2009); Duarte (2008); Nascimento (2016) e Freire (2021) que trazem pesquisas relevantes acerca do tema anteriormente citado.

5 A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA LUTA CONTRA O RACISMO, O PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO

A literatura brasileira sempre foi muito estudada e apresentada no meio social e no âmbito acadêmico. No entanto, essa literatura possui inúmeras ramificações sendo uma delas a literatura afro-brasileira que ao longo dos anos vem sofrendo omissão em virtude dos padrões que compõem o cânone brasileiro. Nesse sentido, podemos observar que o negro sempre esteve durante muito tempo marcado por estereótipos da estética branca dominante.

No tocante a referência que se têm sobre o negro na literatura clássica, Munanga (2009, p. 80) pontua que “[...] o escravo é visto como objeto de propriedade, logo, um ser alienável e submisso ao seu proprietário. [...] quando se examina toda a prática e todas as perspectivas de exploração do escravo na história da humanidade.” Nas palavras do autor, fica evidente que a população negra sempre esteve submissa a uma sociedade que na maioria das vezes é administrada por um ser branco que detém o poder, este que muitas vezes silencia e trata o negro como objeto e com inferioridade, negligenciando até mesmo a sua intelectualidade fazendo com que colabore para atos de violência, opressão e exclusão.

Seguindo essa linha de raciocínio, vale destacar que os afrodescendentes sofrem discriminação, muitas vezes sendo proibidos de frequentar lugares, não usufruindo dos seus direitos básicos, como, por exemplo, a saúde e a educação. Sob essa perspectiva, Domingues (2005, p. 37) argumenta para a necessidade de a negritude tomar consciência acerca de ter o seu espaço na sociedade e na luta contra o racismo: “[...] negritude era uma filosofia de vida, uma bandeira de luta de forte conteúdo emocional e mítico, capaz de mobilizar o negro brasileiro no combate ao racismo, redimi-lo do seu complexo de inferioridade [...]” (DOMINGUES, 2005, p. 37).

O Movimento da Negritude consiste nas lutas contra toda a discriminação racial, com ações que valorizem o ser negro, na contribuição no que diz respeito às questões identitárias e, por conseguinte, para a equidade e igualdade entre as raças, independentemente da posição social, política e ideológica. No Brasil, podemos citar como exemplo a figura de Zumbi dos Palmares.

Dito isto, cabe ressaltar a importância e o reconhecimento de uma existência negra não apenas como arte ou ficção, mas, sobretudo, como um símbolo de luta e resistência, onde o negro foi violentado de todas as formas possíveis pela branquitude, que silenciou sua cultura para impor a do colonizador.

Desse modo, tratar de temas raciais, culturais em todos os âmbitos da sociedade se torna necessário para compreender a subjetividade e a experiência do negro sendo retratado em suas obras. Zumbi dos Palmares foi uma das pessoas que lutaram pelos povos afrodescendentes, na busca por equidade, respeito e dignidade da cidadania negra.

Há muito, um grupo representativo de escritores (as) afro-brasileiros (as), assim como algumas vozes críticas acadêmicas, vêm afirmando a existência de um corpus literário específico na Literatura Brasileira. Esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens e mulheres negras na sociedade brasileira (EVARISTO, 2009, p. 17).

Acerca disso, Evaristo argumenta que a identidade negra tem construído o seu espaço na sociedade, por meio de suas lutas, resistência e, sobretudo, suas experiências, denúncias, anseios e expectativas com relação ao mundo, que compreendam o sujeito negro como parte da construção histórica do país.

Na literatura canônica visualiza-se em sua maioria o negro como personagem de histórias contadas por pessoas brancas, sendo eles retratados de forma frequentemente depreciativa, o que infelizmente faz com que nunca sejam os narradores de suas próprias histórias, estando em posição de inferioridade, não sendo ouvidos assim como ocorre com os

autores brancos, que, muitas vezes tem seu discurso legitimado. Logo, essa é uma forma de silenciamento, em que o escritor/a negro/a torna-se invisibilizado/a.

Essa forma de os opressores descrever as pessoas afrodescendentes, atribuindo-lhes valores negativos torna-se algo inexorável, tendo em vista o lugar que essa população ocupa, como, também, na forma em que são tratados em contextos de interação social. “Os oprimidos, como objetos, como quase “coisas”, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores.” (FREIRE, 2021, p. 65)

Assim, sob o ponto de vista de desconstruir estereótipos estigmatizados, que colocam a mulher negra como um objeto de desejo sexual para satisfazer os desejos do homem branco, ou na condição de doméstica para servir e cuidar das crianças. Já no que diz respeito ao homem negro, nota-se que eles estão ocupando uma posição de marginalizados, de homem delinquente e servil pela ideologia branca.

A posição que Conceição Evaristo ocupa enquanto mulher negra, ativista da luta antirracista e das causas sociais, que através de suas obras dá voz a uma parcela que está à margem da sociedade, se posicionando de forma resistente a toda forma de racismo, preconceito, discriminação e, sobretudo, na opressão de gênero que muitas mulheres e outros grupos sociais sofrem.

A respeito disso, o pesquisador e professor Eduardo de Assis Duarte (2008) assevera que

Artista empenhado num projeto em que a literatura não se afasta da política identitária, em seus contos e poemas, o negro surge em sua inteireza de sujeito: ora forte, ora frágil, às vezes vitorioso, outras tantas, derrotado. Mas é quase sempre alguém que não se entrega (DUARTE, 2008, p. 151).

A literatura afro-brasileira é símbolo de resistência e viabiliza reflexões, como, por exemplo, as relações sociais, em que se torna necessário a inserção da cultura negra não apenas em todas as esferas sociais como um meio de proporcionar uma melhor compreensão e discussão no que diz respeito aos desejos, a experiência dos sujeitos negros, mas para que haja uma reflexão sobre as condições as quais os negros foram submetidos.

Desse modo, as obras de autoria negra contribuem para a autoafirmação da identidade e reconhecimento do ser negro enquanto um ser que também produz literatura crítica, política, ideológica e social, tornando, portanto, uma literatura essencial para a desconstrução de atos excludentes, principalmente no tocante aos negros.

É importante esclarecer que mesmo com as Leis existentes, a exemplo da “Constituição Federal de 1988”, a “Lei do Ventre Livre”, a “Abolição da Escravatura em 1888” e outras Leis que surgiram através dos movimentos sociais da população negra, ainda permanece em nossa sociedade atos de desumanização para com o povo negro, são atos que ferem a cidadania, a memória e sua personalidade.

Abdias Nascimento (2016, p. 200) é assertivo quando argumenta que

Com a abolição jurídica da escravidão, em 1888[...].Teoricamente livres, mas praticamente impedidos de trabalho [...] o negro continuou o escravo do desemprego, do subemprego, do crime, da prostituição, e principalmente, o escravo da fome: escravo de todas as formas de desintegração familiar e da personalidade (NASCIMENTO, 2016, p. 200).

Frequentemente, ainda é permanente essa falta de integralização do afrodescendente em todas as esferas sociais, motivos esses que são constatados na leitura do livro *Ponciá Vivência*, em que são retratados um gama de temáticas sociais que precisam ser discutidas, sobretudo, na exclusão desses povos, bem como, a necessidade de construir sua própria identidade, sua cidadania.

Nesse sentido, torna-se relevante que as obras escritas pelos povos afrodescendentes possam provocar no leitor uma reflexão dentro de um contexto que tem como base uma estrutura social, política histórica e cultural.

A busca por uma liberdade de expressão e de direitos advém de uma luta constante da população negra que tenta se integralizar a uma sociedade que oprime, nega e que exclui a cidadania dos povos afrodescendentes como seres humanos. Desta forma, quando uma pessoa de cor racial ocupa um lugar de privilégio é motivo de celebração de uma conquista árdua, porém de muito valor para essa etnia.

A esse respeito, Paulo Freire (2021, p. 46) esclarece que “Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem.” Assim, a definição de liberdade é direcionada aos oprimidos ou a qualquer grupo que não detenha o poder aquisitivo. Liberdade, nesse sentido, significa muito além de estar no mesmo âmbito social, significa ter sua voz expressa e ouvida sem que haja qualquer distinção entre os grupos sociais.

Além do que foi exposto na seção anterior, é importante comentar sobre a categorização da cultura afro-brasileira elencados pelo pesquisador Duarte (2008) para que se obtenha uma melhor compreensão sobre a escrita negra e sua importância quando se refere ao negro/a. Além do teórico Duarte, recorreremos aos estudos postulados por Proença Filho (2004) que descreve o negro em busca de sua afirmação enquanto ser humano. Ferreira (2006) que pontua sobre as lutas da população negra e, por fim, Lima (2020) que esclarece sobre os direitos prescritos na Constituição Federal de 1988.

5.1 A categorização da cultura afro-brasileira

Adentrar na literatura afro-brasileira é conhecer sobre a história da população afrodescendente, é quando o negro não se torna mais um personagem secundário, sem voz nas narrativas hegemônicas. São escritos onde o negro escreve para o negro, sobre o negro de forma positiva e atua como narrador de sua própria história. Além disso, são expostas críticas a escravidão, além de ser uma produção literária que enaltece as tradições culturais da diáspora africana.

A esse respeito, o professor e pesquisador Duarte (2008) define a literatura em cinco elementos principais: **a temática**, onde é abordado elementos culturais, crítica a escravidão, miséria, exclusão e silenciamento dos povos subalternos. No entanto, pode-se encontrar temas como o heroísmo na figura de Zumbi dos Palmares. O segundo ponto é **a autoria**, ou seja, uma produção literária escrita por negros. Em seguida, **a linguagem**, pois, é por meio dela que são ressignificadas algumas palavras oriundas da África como uma forma de resgatar essa cultura.

Já no que diz respeito ao **ponto de vista**, o autor esclarece que a cultura dos povos negros tem sua representação na história, isto é, a história contada por um outro ponto de vista que não seja pelo viés do eurocêntrico. Por fim, o quinto elemento citado pelo autor Duarte, diz respeito ao **público**, nesse sentido, ele pontua que é por meio da literatura afro-brasileira que o leitor se autoafirma enquanto negro e constrói a sua própria identidade.

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira se manifesta como forma de edificar a história do povo negro, no resgate a cultura e, sobretudo como um meio de expressão e autoafirmação da identidade da população negra.

A Constituição Federal de 1988 assegura que toda e qualquer pessoa possa usufruir da liberdade e dos direitos descritos na Lei, sem exclusão, independentemente da opção sexual, cor, opinião política ou qualquer outra condição. A esse respeito, Lima (2020) referenciando a Constituição Federal pontua que: “[...] Um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, a promoção do bem de todos, “sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” [...]” (LIMA, 2020, p. 122).

No entanto, práticas segregacionistas como o racismo, o preconceito e a discriminação muitas vezes se encontram presentes em nossa sociedade de forma velada de forma consciente ou inconsciente. Em vista disso, essas práticas precisam ser desconstruídas em todos os âmbitos sociais, e a literatura é uma forte arma de luta a todas essas ações de exclusão. Refletir acerca desses estereótipos que marcam o negro nos faz compreender que somos todos iguais como assegura a Constituição Federal de 1988.

É importante lembrar do que se tentou inculir nesse estudo, foram fatos que os negros lutaram e ainda lutam para ter o seu espaço dentro da sociedade, a exemplo da Frente Negra Brasileira (FNB), que surge em 2 de dezembro de 1931 e tem como líder e fundador Arlindo Veiga Santos. Esse movimento tinha como principal objetivo a integração do negro nos diversos âmbitos sociais. “O sonho da FNB [...] era mobilizar os negros para juntos, lutarem por um lugar digno na sociedade brasileira.” (FERREIRA, 2006, p. 03).

Conceição Evaristo, assim como outros escritores negros que surgem no âmbito da literatura para dar voz a quem sempre esteve à margem da sociedade. Nesse sentido, o negro precisa ter seu reconhecimento enquanto sujeito que muito contribuiu para a história do país, trazendo cultura, arte e até mesmo linguagem.

De acordo com Proença Filho (2004):

O negro brasileiro não pode ser tratado como o outro, que tanto trabalhou pela grandeza da nação etc. e a quem se deve reconhecimento especial por isso, como não cabe agradecer aos brancos portugueses ou aos índios, mas também não deve tratar-se como o outro em nome de sua afirmação. Como os demais grupos étnicos, ele parte da comunidade que fez e faz o país (PROENÇA FILHO, 2004, p. 186).

A citação explicitada acima traz uma importante reflexão sobre a importância de os negros aparecerem em obras literárias na figura de personagens que buscam pela sua identidade, liberdade, bem como pelo resgate à memória e a ancestralidade dos povos afrodescendentes. Assim, vale ressaltar que a cor da pele não seja motivo de exclusão, preconceito, discriminação, racismo etc., mas como um sujeito que possui subjetividade e direitos como qualquer outro indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos através desta pesquisa que a literatura age como um instrumento de transformação social, ela contribui, sobretudo, na construção e no resgate no que concerne a identidade do indivíduo e na cultura de um país. Evaristo, através do seu romance *Ponciá Vicêncio* (2017) transmite em sua escrita poética aspectos do cotidiano que se misturam com a realidade. Além disso, traz a esperança de se viver num mundo com igualdade e aceitação as diferenças, como também expõe as relações familiares como fio condutor para lutar pelos sonhos e, principalmente pela sua ancestralidade.

Sendo assim, a ancestralidade é algo que além de ser coletivo porque faz parte de uma comunidade, ela é também individual que tenta de diversas formas se auto reconhecer, de carregar consigo as marcas dos seus ancestrais, sem que haja um silenciamento ou um apagamento de suas histórias. Estamos falando sobre a representação, afirmação de uma cultura que é parte integrante do país, onde o negro contribuiu de diversas formas para a diversidade étnica, racial e histórica.

A protagonista sente-se vazia em virtude de não possuir uma identidade própria, é excluída diante de uma sociedade que cultua o racismo. Entretanto, mostra-se forte, determinada e persistente na busca incansável pela sua identidade, enfrentando os maiores e

mais dolorosos obstáculos que vai desde a discriminação até as condições subumanas por quais passou para se reencontrar e ressignificar suas raízes.

Ponciá é uma mulher negra e pobre que decide ganhar a vida na cidade grande para poder oferecer conforto para os seus familiares. É uma narrativa de encontros e desencontros; de sonhos e lembranças. A nostalgia, o afeto, o valor da família com críticas ferrenhas contra um sistema racista que ainda colhe frutos de um passado escravocrata.

Portanto, a literatura afro-brasileira, em específico não deve ser entendida sob o viés da escravidão, remontando o período colonial, onde o negro é colocado numa posição inferior e subserviente e com características marginais. Ao contrário disso, ela deve ser exposta para modificar a visão que se tem do negro e, sobretudo, na aceitação de si mesmo e no reconhecimento da diversidade étnico-racial do país.

Ressaltamos, aqui, que ter contato com outras literaturas, principalmente com o texto literário de autoria negra o qual foi o *corpus* objeto desse estudo é uma forma de expandir conhecimento, é entrar no universo onde há diversas possibilidades de temas a serem refletidos, questionados e identificados.

Ler os escritos desses autores é ser tocado, é gerar uma produção de efeito de sentidos. Assim, a literatura afro-brasileira como qualquer outra literatura tem características universais, que ao ler lida, há a possibilidade de o leitor se reconhecer com o que está sendo descrito nas narrativas. É uma literatura que transforma a sociedade e age para atuar de forma positivada e significativa.

Dessa maneira, é necessário entender que a produção desses escritores afrodescendentes além de ter sua devida importância no mercado editorial, ela ganha destaque, sobretudo como forma de resistência contra os estereótipos presentes na sociedade. Assim, a literatura afro-brasileira ecoa para trazer suas experiências e “acordar” a branquitude de seus sons injustos, para resistir e para lutar.

O intuito deste trabalho que não se esgota aqui, foi o de trazer uma reflexão no que concerne as relações de raça, classe e gênero na construção da identidade de Ponciá Vicêncio, mas para além desses aspectos, vimos a importância de trazer outros elementos constituintes da Literatura Afro-Brasileira, a exemplo da memória atrelada a ancestralidade, a categorização dessa literatura e o potencial transformador e humanizador que possui os textos literários como forma de despertar o interesse de pesquisadores, estudiosos e curiosos tanto pela leitura como pelas relações sociais que constroem a identidade de cada sujeito e, desta maneira, se reconhecer como parte integrante da população diaspórica.

A partir dessas constatações, afirmamos a necessidade de estudos que contemplem a importância da Literatura Afro-Brasileira destacando seus pontos de discussão social que são imprescindíveis na construção de uma cultura que tenha cada vez menos situações de desigualdade racial e de classes, a fim de buscar o aumento da procura dessas obras e dessas leituras.

Esperamos que esta proposta possa contribuir indagações existentes, assim como servir de fundamentação e provocação para outros pesquisadores, agregando cada vez mais o acervo de estudos que retratem o que é contado nas obras da literatura afro-brasileira e de seus autores e autoras, que com certeza merecem destaque.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Literatura negra brasileira: Racismo e defesa de Direitos Humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Dossiê – **Desigualdades e Interseccionalidades**. DOI: 10.5433/2176-6665.2015 v.20. n° 2. p.27-55. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/24124> Acesso: 28 jan. 2022.

BOMFIM, Vânia Maria da Silva. **A identidade contraditória da mulher negra brasileira: bases históricas**. In: Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. Elisa Larkin Nascimento (org.). São Paulo: Selo Negro, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul: 2004.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> Acesso: 10 jan. 2022.

COMPAGNON, Antoine. Tradução de Laura Taddei Brandini. **Literatura para quê?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CORTAZZO, Uruguay. **Branquitude e Crítica Literária**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricoseconceituais/ArtigoCortazzo1brantitudedecriticaliteraria.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº31. Brasília, janeiro-junho de 2008.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. V.6. 2003. p.09-25. VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO) – Conferência de Abertura. Dossiê. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%2C%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf Acesso: 10 fev. 2022.

DIONÍSIO, Dejour; ADOFOLFO, Paulo Sérgio. **O Arauto E O Destino em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Vol. 17-B. 2009, p. 69-76. Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

DOMÍCIO, Proença Filho. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Estudos Avançados, p.161-193, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980> Acesso em: 07 fev. 2022.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica**. In: Mediações – Revista de Ciências Sociais. Londrina, v.10, nº1, p.25-40, jan/jun. 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 31, p.11-23. Brasília, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 12 fev. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte. v.13, nº25, p. 17-31, 2ª sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERREIRA, Ligia F. “**Negritude**”, “**Negridade**”, “**Negrícia**”: história e sentidos de três conceitos viajantes. Via Atlântica, São Paulo, n.9, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura negra**: os sentidos e as ramificações. In: Eduardo de Assis Duarte. **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 77ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

HALL, Stuart. **Que “negro” é esse na cultura popular negra?¹**. Lugar Comum, Rio de Janeiro, nº 13-14, p. 147-159. 2001. Disponível em: <file:///C:/Users/bsilv/Downloads/Que%20negro%20%C3%A9%20esse%20na%20cultura%20> Acesso em: 15 de mar. 2022.

LIMA, Omar da Silva. **O comprometimento etnográfico afro-descendente das escritoras negras Conceição Evaristo e Geni Guimarães**. Tese de Doutorado (Doutorado em Literatura: Literatura e Práticas Sociais). POSLIT/TEL. Departamento de Teoria e Literaturas. Universidade de Brasília, 2009.

LIMA, Sílvia Tibo Barbosa. **Direitos Humanos dos Negros**: Racismo estrutura, necropolítica, interseccionalidade e o mito da democracia racial no Brasil. Volume I, n.2, jul/dez, 2020, p. 119-132. e – ISSN 2675-40X. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/reh/article/view/7917/5634> Acesso em: 07 fev. 2022.

MACHADO, Bárbara Araújo. “**Escre(vivência)**”: a trajetória de Conceição Evaristo. História Oral, v. 17, nº1, p. 243-265, jan./jun.2014.

MACIEL, Cristina Maria. **Literatura**: a voz da escritora negra. Vol.21. Nº 42. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS, Campo Grande, 2017.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2 ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. PPGL – UFPB **Ponciá Vicêncio: Raça e Identidade, um diálogo possível**. Cadernos Imboandeiros. João Pessoa, v.3, nº2, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Epistemologia da Ancestralidade**. Revista Entrelugares – FAGED-UFBA: 2009 – Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_epistemologia_da_ancestralidade.pdf Acesso em: 10 de fev. 2022

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Tradução de Monique Augras. Edição de Dora Rocha. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso: 14 fev. 2022.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. In: Estudos Avançados, São Paulo, v.18, nº50, jan/abr. 2014.

SOUZA, Taise, C. S. P. **Escrita feminina negra**: contribuições para os estudos literários, feministas e de gênero. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol.15 – nº 30 – 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. Tradução de Caio Meira – 96p.

UNIDAS NAÇÕES. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. p.01-05. Disponível em: http://www.mp.go.gov.br/portalweb/hp/7/docs/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf Acesso em: 15 fev. 2022.